

Um retorno à utopia

O artista Geraldo de Barros vai à Bienal de Veneza e mostra, no Rio e em São Paulo, os sonhos da arte construtiva

WILSON COUTINHO

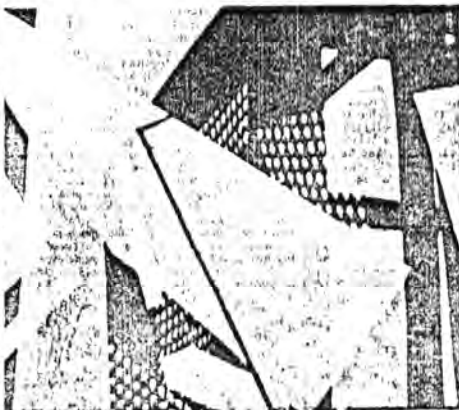
Geraldo de Barros é a personalidade mais quixotesca da arte concreta. Aos 62 anos está, de novo, aliado com o movimento, cujas linhas gerais a história dos parças pintores abandonou. Esse ano, por coincidência, comemora-se o trigésimo aniversário da primeira exposição de arte concreta, realizada em dezembro de 1956 no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Há acaso fez outra surpresa. Há trinta anos, Geraldo participava da Bienal de Veneza, arrebatando um prêmio de aquisição. Na próxima Bienal, a ser inaugurada dia 25 de junho, Geraldo de Barros, junto com Gastão Manoel Henrique e Lenina Katz estará, novamente, representando o Brasil, exibindo dez trabalhos — montagens concretas com lâminas de fórmica. Hoje, na Galeria Thomas Cohn, no Rio de Janeiro, será inaugurada uma mostra com quinze trabalhos e 12 de junho, em São Paulo, na Galeria Bernardin Millan, poderão ser vistas 36 peças do artista. Nos três lugares as obras são recentes, de 1963 a 1986, fase em que Geraldo, depois de sofrer um ataque de hipertensão, retornou aos caminhos da arte concreta da década de 50.

É evidente que a obra de Geraldo de Barros adquire uma nova atração no momento em que a arte reconstrutiva parece vir à tona depois do neo-expressionismo. Geraldo de Barros também não é um pintor preocupado com a tonalidade de sua paleta, uma curiosidade a mim na sua obra. Usando cores primárias e as complementares, Geraldo — que em outras fases usou o pincel — extrai suas cores das que estão industrializadas na própria fórmica. Assim, não se utiliza nem de amarelo, nem de tubos de tinta. Ele desenvolve um modelo, em escala pequena, que depois é transformado em maiores dimensões, trabalho feito em série nas oficinas da fábrica de móveis "Hobeto", da qual é um dos proprietários. As cores são as da indústria. "Manet já usou todas as cores", alega com bom humor esse artista que não viu com bons olhos a ascensão no meio de seus olhos a ascensão de André, Paulista de Xavieres, casado, com duas filhas, Lenora, 32 e Fabiana, 27, que atualmente mora em Zurich, na Suíça, artista plástica também. Só que Fabiana enveredou com seus pincéis e cavalete para a transvanguarda. Geraldo não se incomoda por essa pequena traição. "Eu respeito esse pintor de domingo brinca. Quando a conversa é pintura, os dois brigam muito", diz. Leitura sobre o confronto casero da obra de Fabiana com a do pai.

Fotografia concreta

Geraldo tem uma estatística para mostrar que não vale a pena muita briga em arte. O Brasil tem muita gente e poucos pintores. Para que pertencem ao tempo, com cantalinas, pugilatos, Diplomas, ele acha que no Brasil o importante é que as pessoas pintem. Manabu Mabe? É um ótimo pintor na sua linha", afirma-se o artista. E lembra de Volpi nos anos 50, quando os teóricos travavam áridos debates sobre pintura. "Quando a discussão ficava quente, Volpi perguntava por que não se parava um pouco e todos iam pintar?". As brigas da época não estão todas sepultadas. Neoconcretismo? Geraldo se espanta: "O quê?". Finge que não está escutando direito. "Eu só conheço o concretismo. O que veio depois é depois".

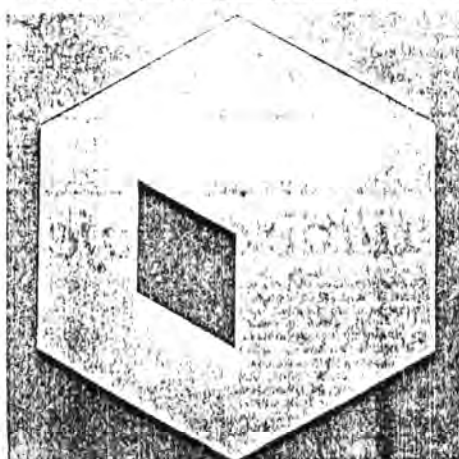
Após trinta anos da primeira exposição de arte concreta, só agora a obra de Geraldo começa a aparecer no mercado, cuja presença está entre R\$ 20 mil e R\$ 50 mil cruzados. A mostra na Thomas Cohn inaugura e põe na berlinda um artista com um longo trajeto na história da arte brasileira. "O Geraldo não é um posnuda. Faz parte da história do concretismo", diz o marchand Thomas Cohn, 52, que exibe em sua galeria o primeiro artista de tendência concreta. "É um resgate", afirma a arquiteta Fernanda Millan, 61, também interessada em mostrar o papel histórico ocupado por Geraldo. "Ele surge no mercado sem os rastros do modernismo", conclui. Histórico é o que Geraldo é. Em 1952, com Lúthar Charoux, Waldemar Cordeiro, Kazimir Fejer, Luis Sacilotto foi um dos que assinou o Manifesto Ruptura. Geraldo, contudo, já dava antes uma importante contribuição à vanguarda da época realizando fotografias concretas. Junto com José Ottonico, o pai de Hélio Ottonico, Geraldo é um dos pioneiros da fotografia geométrica no Brasil", afirma o poeta Décio Pignatari, 53, destacando a importância do trabalho fotográfico de Geraldo. "Ele também foi um dos pioneiros do desenho industrial moderno", afirma.



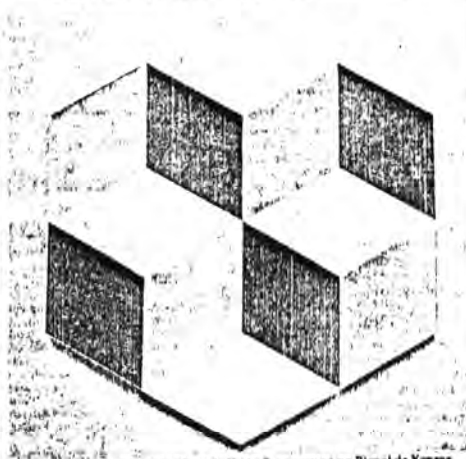
Uma das "Fotofórmicas", um trabalho pioneiro que Geraldo expôs em 56 no Masp



"Loteria Federal", pintura na linha pop, de 77, feita sobre "outdoor"



Trabalho de 1985, ambiguidades a partir de formas simples como o cubo



Obra inaugural da série "Jogo de Lados", que estará na Bienal de Veneza

Ilustrada

que há de melhor na fotografia experimental brasileira, lapidando as fotos no laboratório que o diretor do Masp, Pietro Maria Bardi, o ajudou montar. Geraldo não só caplava as imagens nas ruas. No laboratório, trabalhava os negativos, criava novas imagens, raspando-os ou juxtapoando um negativo sobre outro. No início, foram imagens insólitas e figurativas, mas lentamente passou a fotografar estruturas formais, as "fotofórmicas", que o artista Almir Mavignier, hoje professor na Alemanha, identificou como concretas. "Naquela época, não sabia o que era concretismo", diz Geraldo. Depois, ligou-se ao grupo. "Ele era um pouco dissidente porque o Waldemar Cordeiro dominava tudo", lembra Pignatari. Foi com o trabalho em fotografia exibido em 1960 que ganhou, um ano depois, uma bolsa de estudos do governo francês, a passagem saindo do bolso do jornalista Assis Chateaubriand, proprietário dos "Diários Associados" e criador do Masp, onde Geraldo expôs as fotos pela primeira vez.

Com a bolsa, instalou-se em Paris em plena época do existencialismo do Quartier Latin e começou a ler com a cantora francesa Juliette Greco, a musa canora do movimento filosófico. Radha Abramo, que o conheceu nessa época e que como curadora da representação brasileira o convidou para a Bienal de Veneza, lembra num catálogo para uma exposição do artista em 1977, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, que Geraldo era uma espécie de líder dos brasileiros que se hospedavam no Hotel de l'Académie. Foi nesse hotel que Geraldo e seus companheiros esconderam a suíte Maria Ciliax, amante do bandido italiano Giuliano, popularizado no filme de Francesco Rosi, "O Bandido Giuliano", de 1961. Ciliax estava assustada pela Mãe, que a perseguia e para piorar a situação não tinha visto de permanência para ficar na França. Salvou-a o romantismo de Geraldo.

A marca do pioneirismo
Romantismo que entrava na atmosfera política em que vivia e do

um socialismo baseado em Trotski e a léguas de distância do que fora implantado, na realidade, por Stalin, na União Soviética. "Mário Pedrosa foi o meu mentor intelectual", diz Geraldo, lembrando que o crítico, na época, era um aplicador estudioso da psicologia da forma, além de trotsquista. Foi com Pedrosa que Geraldo organizou uma reunião, pregando nas ruas de São Paulo um cartaz com a indicação "Por que o comunismo e não o socialismo" esquecendo a possível ambigüidade dada pela falta de interrogação na frase, tanto que a reunião começou repleta de comunistas que foram escutar as vantagens do seu sistema sobre o do socialismo. Pedrosa olhou para Geraldo sem entender nada. Notaram, depois, que faltava o acento gráfico.

Geraldo não só ficou com utopia política em reuniões ou na cabeça. Em 1964, fundou uma comunidade socialista, a Unilabor, cuja ideia fundamental era a de construir móveis com boa forma para um número maior de pessoas. Entre

nessas, estava a historiadora Aracy Amaral, 56, que quando se casou mudou sua casa com os móveis feitos pela Unilabor. "A inserção de Geraldo na arte utilitária, na década de 50, tem a marca do pioneirismo", diz Aracy. A comunidade socialista formada por Geraldo, a escritora Maria Clara Machado, o historiador Paulo Emílio Salles Gomes, entre outros, acabou não vingando. E com um agravante, um dos mais ativos participantes, o frei dominicano João Batista, acabou escrevendo um livro "Os Chifres do Diabo" e não foi, como a desastrosa publicidade para a reunião de Mário Pedrosa, nem um pouco ambíguo. Uma parte do chifre era o socialismo, a outra o comunismo. Dali surgiu todo o inferno moderno. Geraldo resolveu fazer seus móveis fundando "Hobeto", sem mais colidir com cateóricos.

Pop

Em 1977, voltaram a fazer uma exposição individual e para espanto de muitos numa linha "pop". Eram imagens extraídas de cartazes de publicidade, trabalhadas sobre madeira. Ilumor e deboche captavam a iconografia urbana, como as obras "Wilsa Carla" ou "Loteria Nacional". Tais obras não são, porém, transcrições literais das imagens urbanas. Geraldo — como fizera com a fotografia — trabalhava sobre as imagens, as distorcendo e as modificando produzindo um sentido plástico que antes corria-seis imagens não tinham. Desde 1983, ao retornar para a arte concreta, Geraldo se manteve fiel a uma arte de expressão contida e rigorosa. "Quando fiz meus trabalhos na linha "pop" foi porque imaginava que era mais uma derrubada no informalismo", diz.

Nos seus trabalhos recentes, o quadrado e o cubo reasumem a antiga dignidade e os elementos são coordenados sobre a superfície ou sobre o espaço, uma velha lição do seu amigo, o artista suíço Max Bill. Uma obra de poucos elementos, mas intensamente variada que encantam o poeta Augusto de Campos. "Geraldo é um mestre de ambigüidades que, com poucos e rigorosos elementos, cria mágicas ambivalências entre o espaço bi e tridimensional", diz o poeta. "Pintar para mim, hoje, é retroceder ao projeto que acho mais importante, o da arte concreta", afirma Geraldo, reasumindo o sonho e a utopia concreta.



GERALDO DE BARROS - MOVIDORES - Exposição de trabalhos de Geraldo de Barros - Galeria Thomas Cohn - Rio de Janeiro, 1978. Tel. 021-3879970
 GALERIA THOMAS COHN - Rua São Paulo, no galpão da Fundação Getúlio Vargas - 211, Rio de Janeiro - Tel. 021-3879970
 GALERIA THOMAS COHN - Rua São Paulo, no galpão da Fundação Getúlio Vargas - 211, Rio de Janeiro - Tel. 021-3879970